

OZUALDO CANDEIAS (Ozualdo Ribeiro Candeias. Cajobi, 5.11.1922). Diretor, Roteirista e Diretor de Fotografia. Filho de imigrante português, nasceu no interior de São Paulo. A errância do pai por diversas cidades e ocupações profissionais repercutiu na escolaridade incompleta do filho. Desde criança exerceu diversas profissões, tendo sido operário e empregado no setor de serviços, até que se engajou no Exército. Na Segunda Guerra Mundial serviu na Aeronáutica. No início de 1950, comprou um caminhão, começando a trabalhar no transporte de cargas. Durante as viagens pelo interior, preparou-se para fotografar discos voadores (OVNI), um assunto que freqüentemente aparecia na imprensa da época. Porém, ao invés de comprar uma máquina fotográfica, adquiriu uma pequena Keystone 16mm para película reversível. Aprendeu o seu manejo, estudou alguns livros técnicos e se impregnou de cinema assistindo a todos os filmes brasileiros que podia. Ficou sensibilizado com *Rio 40 graus*, de Nelson Pereira dos Santos. Após alguns experimentos com a Keystone (filmagens de familiares e de amigos), começou a investir na sua carreira de cineasta matriculando-se no único curso de cinema existente em São Paulo, o Seminário de Cinema. Ao mesmo tempo, passou a ler autores clássicos da literatura, passando de *Os sertões*, de Euclides da Cunha, a Dostoiévski, de Guimarães Rosa a livros de psicologia. Em meados da década de 1950 iniciou uma parceria com produtores de cinejornais, filmando assuntos e documentários. Os primeiros filmes aparecidos com a sua assinatura são de 1955-56 com *Tambaú, cidade dos milagres* e *Poços de Caldas*. Materiais de produção e consumo rápidos, os assuntos de cinejornais eram montados no próprio negativo. Com cerca de cinco anos de prática, o diretor já era reconhecido como um artesão habilidoso no meio cinematográfico paulistano concentrado na Boca do Lixo. Ele participou de várias produções como iluminador, câmara, diretor de produção, roteirista, fotógrafo de cena e ator, já que tinha um físico adequado para alguns tipos de papéis. Depois de dez anos de carreira foi que Candeias se lançou no campo da ficção. *A margem*, de 1967, era uma produção paupérrima, ao estilo dos cinejornais que realizava. Com exceção de alguns nomes do elenco e da música do Zimbo Trio, ligado ao já consagrado movimento da Bossa Nova, o diretor se encarregou da maioria das ocupações como produção, roteiro e montagem. O argumento do filme, tirado de uma notícia de jornal, conta a trajetória de dois casais, cujas relações amorosas não se completam, num processo autodestrutivo. Utilizou como cenário as margens poluídas do rio Tietê, que corta a cidade, e a própria cidade onde os personagens transitam. Os aspectos inéditos trazidos pela produção pobre e uma temática até então ausente do cinema brasileiro, chamaram a atenção da crítica e dos cineastas do Cinema Marginal, embora seu estilo passasse distante desse movimento. No episódio que filmou para *Trilogia do Terror*, o diretor abandonou o espaço urbano degradado do filme anterior para mergulhar no universo rural mítico e pré-capitalista que é o segundo pilar de sua cinematografia. Essa expressão ganharia um fôlego maior nos filmes seguintes: *Meu nome é Tonho* e *A herança*. O primeiro foi realizado tendo como referência os faroestes ítalo-espanhóis que faziam sucesso, os *spaghetti-westerns*, aclimatado para o mundo rural do caipira paulista. No segundo, uma adaptação livre do *Hamlet*, de Shakespeare, a recriação do ambiente camponês completava a fuga à sintaxe clássica iniciada como o “Ciclo do

Cangaço”, aberta por Lima Barreto com *O cangaceiro*, para operar a trituração furiosa de diversos elementos narrativos como a música sertaneja, a violência e a sexualidade exacerbadas, a sobreposição de sons sobre a palavra humana, lembrando Goddard, sem perder de vista a ossatura narrativa do *Hamlet*.

Em 1974, Candeias, com pontas de negativo vencido, uma câmera e atores anônimos da Boca do Lixo, realizou uma das críticas mais ferozes ao regime militar com o filme *Zézero* (variante do popular Zé Ninguém). O assunto versava sobre um tema clássico: o caipira que vem tentar a fortuna na cidade. Aliciado para o trabalho na construção civil, ele perde dinheiro com prostitutas e na loteria esportiva, uma modalidade de jogo criada durante a ditadura. No campo, a família desassistida, definha. Quando ele ganha na loteria e volta para casa com presentes e dinheiro, todos estão mortos. O que resta fazer da fortuna? *Zézero*, uma média-metragem, nem foi levado à Censura pelo diretor porque seria proibido, passando de forma quase subterrânea pelos cineclubes universitários e escolas de cinema. A crueza das imagens e a dureza desesperançada do tratamento humano de que está carregada a película, a crítica aos meios de comunicação e ao regime militar (por um viés totalmente moral e idealista: as desgraças trazidas pelo jogo), tornam *Zézero* um soco no estômago e um objeto inclassificável para os analistas de documentários brasileiros.

No mesmo ano de *Zézero*, Candeias realizou *Caçada sangrenta*, veículo para o *sex symbol* David Cardoso. Como projeto pessoal, só voltaria a filmar em 1978 com *A opção ou as rosas da estrada* (terminado em 1981), filme em que retorna à sua trajetória de chofer de caminhão, construindo uma narrativa fragmentada passada em beira de estradas e rodovias com suas prostitutas pobres, em geral fugindo da dureza do trabalho rural, e motoristas em busca de um prazer rápido. Em *Manelão, o cortador de orelhas*, ele refaz o mundo rural de *Meu nome é Tonho*. Porém, a história de um matador de aluguel não se desenvolve plenamente, ocorrendo uma série de momentos mortos na narrativa. De novo para David Cardoso, dirigiu no ano seguinte *A freira e a tortura*, em que este interpreta um policial violento, sendo a freira representada pela atriz de pornochanchadas, Vera Gimenez. A adaptação da peça de Jorge Andrade, *O milagre na cela*, ganhou uma forma idealista, o contrário da dureza de *Zézero*, que em termos de crítica à repressão policial do regime militar está mais bem resolvido. Em *As belas da Billings*, uma reflexão nostálgica sobre o próprio cinema realizado na Boca do Lixo, temos uma crítica aos aficionados falsamente intelectuais daquele espaço, a reaproximação com atores e atrizes que já tinha trabalhado com o diretor, como Mário Benvenuti, ou que eram estrelas daquele meio, como Claudette Jaubert, ou diretores do nível de um José Mojica Marins, com quem já tinha colaborado no início da carreira. Ambientado na região da represa Billings, um dos reservatórios de água da cidade, utiliza-se como cenário de um casarão em ruínas e seus personagens vivem comendo restos de restaurantes instalados na represa. Apesar de alguns elementos populares, o cantor Almir Sater, por exemplo, o filme foi mal distribuído pela Embrafilme, resultando em fracasso. O último filme de ficção de Candeias, *O vigilante*, começou a ser produzido no período de desagregação da Embrafilme. Com o fechamento da estatal, o contrato foi rescindido, restando ao diretor somente o financiamento recebido do

governo estadual. Realizado com um grupo heterogêneo de atores experientes e amadores, conta a história da formação do bandido social urbano, o justiceiro das periferias da cidade, que trabalhando como segurança, na legalidade, utiliza-se da sua arma para o assassinato dos criminosos existentes no bairro onde mora. O filme, datado de 1992, nunca foi distribuído comercialmente.

Ozualdo Candeias é, ao lado de José Mojica Marins, um dos diretores do cinema brasileiro mais ligado às classes populares, seja pela origem, pelos elementos narrativos aportados pelos seus filmes, seja pela preocupação social. Num país como o Brasil, em que a maioria dos cineastas provêm dos estratos altos ou médios intelectualizados, o caso de Candeias é seguramente uma raridade.

JOSÉ INACIO DE MELO SOUZA

Ozualdo R. Cadeias: 80 anos. Catálogo da Mostra. São Paulo, Heco Produções/Centro Cultural Banco do Brasil, 2003.

3 páginas, 1264 palavras, 8013 caracteres, 111 linhas.